

A cobertura surpresa do conflito Israel Palestina pelo Profissão Repórter

Por Marília Moreira

Os jovens repórteres do “Profissão Repórter” mostraram na penúltima edição do programa, exibida na terça (27), o conflito entre palestinos e israelenses. No dia 10 de novembro, tropas israelenses iniciaram uma ofensiva contra palestinos na região da fronteira com a faixa de Gaza, em resposta a um ataque que resultou na explosão de um veículo militar israelense na região. Os ataques armados se intensificaram e duraram oito dias, resultando na morte de seis israelenses e mais de 160 palestinos.

O repórter cinematográfico Felipe Bentivegna e a editora Julia Gutnik já estavam em Israel cobrindo outra pauta para o “Profissão Repórter”: como é a vida dos brasileiros que vivem lá. “Nossa equipe foi surpreendida. O repórter Felipe Bentivegna e a editora Julia Gutnik estavam em Israel para uma reportagem sobre brasileiros e testemunharam o começo do maior conflito dos últimos quatro anos”, explica Caco Barcellos, no início do programa, ao narrar os enquadramentos a serem feitos por cada dupla de repórteres. Caio Cavechini, o viderrepórter – que já não é mais tão jovem repórter assim e é o único a trabalhar sozinho –, também estava na região quatro dias antes de começar os bombardeios e é ele quem apresenta o cenário de Israel antes da guerra.

Em quase 30 minutos, o programa aborda o conflito, mas não desperdiça o material gravado ou agendado dias antes. Trechos da entrevista que Caio Cavechini fez com Omar El Jamal, “um dos poucos brasileiros que vivem na região da Faixa de Gaza”, apresentam ao espectador uma região pacífica, elitizada, bem diferente da aridez que caracteriza a imagem que muitos brasileiros têm sobre o Oriente Médio. No vídeo, é evidente a preocupação de Omar em mostrar “o outro lado” da Faixa de Gaza, que não só o da guerra e da pobreza. Em um diálogo tenso, o repórter pergunta a Omar se Gaza é perigosa e ele responde categoricamente: “Não tem perigo nenhum, não”. Em off, após o diálogo, Caio Cavechini diz: “Visto agora, esse diálogo e todas as tentativas de Omar de me mostrar um lado bom em sua terra natal parecem estranhos e tristes também”.

Mesmo com essas inserções de entrevistas contextualizantes, as diversas reportagens que compõem a edição deixam a desejar no quesito fazer entender o conflito histórico entre palestinos e israelenses – aspecto muito criticado na cobertura dos telejornais sobre a região –, não revelam o clima de tensão já presente no local antes da chegada da equipe e também não mencionam o acordo de cessar fogo, negociado junto ao Egito e apoiado pelos Estados Unidos, que previu a diminuição das restrições ao movimento de pessoas e produtos na Faixa de Gaza, que está atualmente submetida a um bloqueio.

A reportagem utiliza imagens de cinegrafistas palestinos para mostrar acontecimentos anteriores à chegada do reforço da equipe – Caco Barcellos e mais alguns repórteres chegam depois dos primeiros ataques. As imagens mostradas referem-se à morte das quatro crianças e cinco mulheres que estavam no prédio de três andares atingido por um míssil. Uma jornalista palestina é quem guia Caco Barcellos até histórias de vida tristes, descobertas por ela, como a de um pai que tentou socorrer os dois filhos, atingidos por bombas, mas que só conseguiu salvar um. Além de funcionar como uma guia para a equipe o “Profissão Repórter” – por ter acesso às histórias de vida, à língua local e ao inglês –, a repórter também serve como fonte ao ser questionada por Caco Barcellos sobre o sonho que ainda tem. “Conhecer o mundo”, ela diz.

Em outro momento, Caio Cavechini também é guiado por um jornalista palestino, Ayman Nimer.

A ajuda do jornalista será necessária para que Caio conheça o túnel que liga a Faixa de Gaza ao Egito. “Esse ano, ele já tentou diversas vezes mostrar o túnel a outros jornalistas estrangeiros, mas não conseguiu”, diz o repórter em off. Caio é levado por Ayman e Omar até os donos do túnel. Lá, com a câmera em mãos, ele diz que não sabe o que os homens reunidos na sala estão conversando com seus guias, mas acredita que seja algo em relação à filmagem. Em seguida, Omar aparece dizendo que, realmente, os homens estavam pedindo para que ele desligasse o equipamento. Uma simulação computadorizada, que, no fundo, não acrescenta muito ao espectador, detalha visualmente como a câmera viajou, alocada no fundo do porta-malas de um carro e, também, como era o acesso ao túnel. “Estava com a câmera escondida, não pude mostrar esse trajeto, mas agora estou aqui, na entrada de um túnel que leva a gente ao Egito. Um lugar bastante raro. Acho que todo jornalista gostaria de mostrar e eu estou tendo aqui essa sorte”, diz Caio quando liga a câmera novamente. Em outra cobertura internacional, feita em outubro de 2010 durante o caso dos mineiros soterrados no Chile, a equipe do “Profissão Repórter” teve acesso a um lugar restrito aos jornalistas, devido à ajuda de um chileno que gostava do Brasil, e conseguiu filmar o túnel com uma câmera escondida. Na época, a despeito de todos os dilemas éticos envolvidos na situação, a equipe também se vangloriava do feito histórico: ser o único programa a fazer imagens inéditas do local. Tanto neste episódio quanto no da semana passada, nenhum comentário de bastidor aconteceu entre o repórter e o diretor, Caco Barcellos.

Em uma das últimas entrevistas do programa, conhecemos a família de Julia Gutnik, editora do “Profissão Repórter”. Narrado em primeira pessoa pela editora, todo este momento causa estranheza ao espectador, acostumado ao discurso impessoal do jornalismo. “Minha prima Dora, nasceu no Brasil, mas casou e teve filhos em Israel [...] Minha prima nem pensa em voltar para o Brasil, acredita num futuro que pra mim parece impossível”, narra Julia em off. A estranheza se deve tanto pelo uso da primeira pessoa, quanto pela revelação de que a fonte tem laços familiares com a jornalista; uma vez que a concepção clássica do jornalismo considera o repórter como um mediador, afastado da realidade retratada, e prescreve o uso da terceira pessoa para tornar o relato impessoal e credível.

No site, duas matérias extras, cada uma com menos de 10 minutos, foram postadas. Uma é sobre um soldado brasileiro que serve na base da divisão de paraquedistas do exército israelense e outra é a gravação de um diálogo, via webcam, entre uma cineasta brasileira e um garoto palestino sobre o conflito Israel Palestina. No entanto, os extras não estão associados ao que foi exibido na TV; não há chamadas, nem informações gráficas que explicitem a presença das matérias na internet e, nem mesmo os personagens entrevistados para os extras aparecem no episódio. Como já havia sido observado em outros trabalhos do GPAT, o programa tem tentado alcançar uma maior atuação online, mas ainda está muito incipiente no esforço – haja vista como o site e a conta do programa no Twitter [@profreporter] têm sido utilizados, meramente como espaço de anúncio dos temas do dia. Além disso, o “Profissão Repórter” não tem se preocupado em mostrar os bastidores da notícia, algo definidor de como o programa era anunciado à audiência: a reportagem ganhou um peso e tem se mostrado muito mais importante que a decisão sobre pautas, enquadramentos ou edição.